

Coisas amarelas no final da tarde

Yellow things in the late afternoon

Ana Claudia Camila Veiga de França¹

<https://orcid.org/0000-0002-8174-1446>

<http://lattes.cnpq.br/5511666385207029>

oianafranca@gmail.com

¹ - Professora no Departamento Acadêmico de Desenho Industrial (DADIN) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).



Resumo: Neste ensaio, apresento uma lista de coisas amarelas no final da tarde. São fotografias que fiz em Curitiba, no inverno, enquanto caminhava pela cidade com meu bebê. Nesta proposta de caminhada, carregamento, captura e coleção, destaco como uma lista fotográfica pode romper a monotonia cotidiana e tensionar as limitações do espaço urbano.

Palavras-chave: Lista, Caminhada, Cidade

Abstract: *In this essay, I present a list of yellow things in the late afternoon. These are photographs I took in Curitiba during the winter while walking around the city with my baby. In this proposal of walking, carrying, capturing, and collecting, I highlight how a photographic list can break the monotony of everyday life and challenge the constraints of urban space.*

Keywords: List, Walking, City

“O olho que não é um mineiro, nem um mergulhador, nem um caçador de tesouros ocultos, nos leva a flutuar bem de leve pela corrente abaixo, parando, pausando, com o cérebro talvez dormindo, enquanto ele olha.”

Virginia Woolf, *O valor do riso e outros ensaios* (2015, p. 189).

Uma mãe caminha pela cidade

Lauren Elkin (2022) discute em *Flâneuse* a presença e os desafios de mulheres ao caminhar por espaços urbanos. Bem, se essa mulher for uma mãe carregando seu bebê, terrenos podem ficar ainda mais áridos e movediços, a começar pelas calçadas precárias. Mas, neste começo de maternidade, logo entendi que uma mãe precisa estar na rua com seu bebê. A cidade nos lembra que é bom olhar para o céu e encontrar desconhecidos, conversar sobre o tempo seco e comprar mexericas, laranjas, caquis. Sentir-se parte do mundo outra vez. Foi neste contexto — de necessidades e restrições — que me propus a buscar coisas amarelas, sempre no final da tarde, momento do dia em que, há muitos meses, com Joaquim no colo ou no carrinho de bebê, caminho em volta das mesmas quadras como um mosquito em volta da lâmpada. Uma lâmpada amarela.

Para entrar no jogo das listas, busquei “O livro do travesseiro” (2013, pp. 286–291), um diário do final do século X, no qual Sei Shônagon constrói diversas e inusitadas listas, como “coisas que têm aspecto vulgar”, “coisas que afligem”, “coisas que são graciosas”, “coisas que têm nomes assustadores”, “coisas que são simples quando vistas”, dentre muitas outras. Na negociação com as circunstâncias escolhi, por fim, o amarelo, o crepúsculo e o inverno.

Procura-se coisas amarelas

Defino primeiro as rotas mais confortáveis e seguras para estar com um bebê. Em outras palavras, com menos barulho e mais pedestres, calçadas razoáveis e alguma arborização. São poucas as que respondem a tantas exigências e, frequentemente, repito caminhos que atendem a uma ou a outra demanda.

A busca por coisas amarelas, no entanto, renova minha disposição para essas caminhadas. Percebo, entre o pacato labirinto de fios elétricos, que as lâmpadas vão acendendo pouco a pouco, formando pontos amarelos entre o emaranhado de cabos, galhos, folhas e ninhos de pássaros, com os quais dividem as alturas. Olho para baixo e uma faixa amarela desemboca no bueiro, como um pequeno rio, tem a profundidade e a aspereza do asfalto. Algumas coisas são amarelas o dia todo. Outras, ainda mais amarelas no final da tarde. É inverno e encontro em profusão flores e galhos secos pelo caminho. Listo plantas que tiveram as folhas amareladas pela estação: *Palmeira, Bananeira, Croton, Plátano-da-Califórnia*. Outras que são naturalmente amarelas: *frutos do coqueiro Jerivá e do Limoeiro; flores de Hibisco, Olho-de-tigre e Estrela-amarela; botões da invasora Barba de falcão*.

O amarelo está também nas placas comerciais, na sinalização das lojas e das ruas, nas linhas horizontais pintadas em muros de estacionamentos, nas setas no chão do posto de gasolina e em avisos de segurança: “cão bravo” no meio dos arbustos da mansão, “área mo-

nitorada 24 horas” na grade do prédio comercial, “cuidado — entrada e saída de veículos”, na entrada de carros da papelaria. Há ainda toldos, caixas de correios, portões de garagem, placas de trânsito, anúncios de “aluga-se”, “liquida” e “chaveiro 24 horas”. Também a agência de correios, a rede de farmácias, a franquía de açaí, a fachada da sapataria, o neon da loja de suplementos. No chão, além do par de tênis cintilante nos pés do cozinheiro do restaurante de comida caseira, embalagens de cigarros e de medicamentos e umas três caçambas para coleta de entulhos.

Aperto Joaquim no colo, com os olhos encharcados de amarelo. Foi Paulo Leminski (2013) que escreveu: amar é um elo / entre o azul / e o amarelo.

Amar, olhar, listar

No documentário autobiográfico *As Praias de Agnès* (2008), a cineasta Agnès Varda conta que filmou *Daguerreótipos* (1975) quando seu filho, Mathieu Demy, era pequeno. Explica que não queria deixá-lo sozinho, por isso o filme foi rodado no seu bairro. Era o modo de Agnès se manter perto de casa. Para as filmagens, usou a eletricidade da sua própria residência. Passava, então, um cabo elétrico pelo buraco da caixa dos correios e ia com ele até os lugares que faziam parte do filme: a padaria, a loja de acordeões, o salão de beleza, o açougue, a autoescola. A distância não deveria exceder 90 metros; essa era a regra. Alguém, então, lhe disse, “você não queria era cortar o cordão umbilical”. Este ensaio sobre coisas amarelas, certamente muito mais modesto que o brilhante filme de Agnès, é meu modo de estar perto de casa, com Joaquim, mas ainda assim, na cidade, caminhando, olhando, pensando imagens e palavras.

Esta breve busca por coisas amarelas apaziguou meu cansaço, por alguns dias. Não se trata da experiência do *flâneur* ou da *flâneuse*, marcada pelo privilégio do ócio e da liberdade, como define Elkin (2022). Contudo, a busca fez de um pedaço da rotina uma brincadeira, com detalhes banais, novos e amarelos para descobrir nos “mesmos lugares de sempre”. Esta pequena lista de coisas amarelas agora contorna o espaço e o tempo de um inverno longo, de caminhadas com o meu bebê.

O olhar pode atenuar as provações urbanas, e listar coisas amarelas é apenas um entre os tantos jogos possíveis. Como caminhamos pelas cidades, olhamos para as coisas e narramos os dias é, afinal, como passamos a vida.

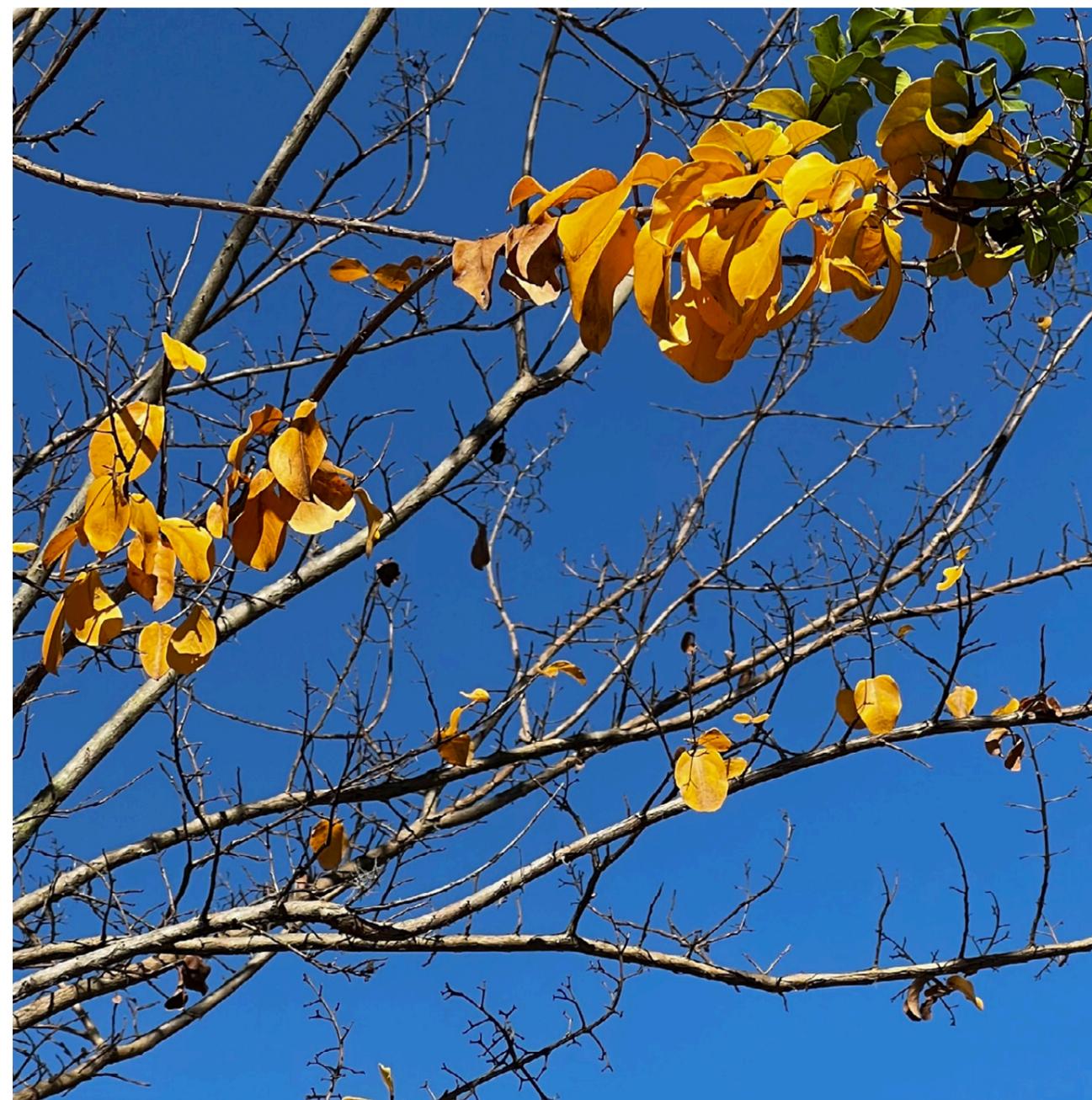
Referências

ELKIN, Lauren. *Flâneuse: mulheres andando pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. São Paulo: Fósforo, 2022.

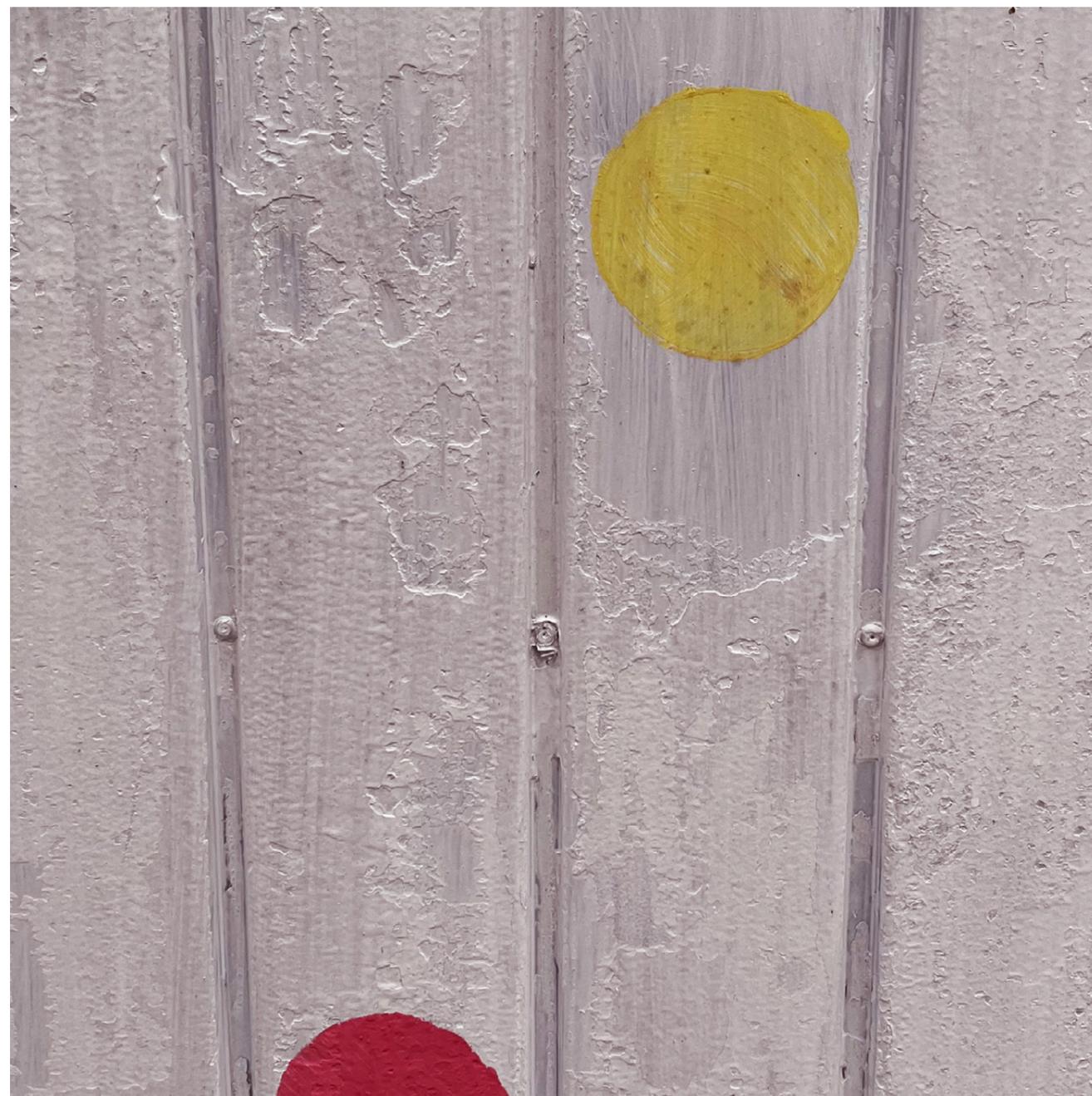
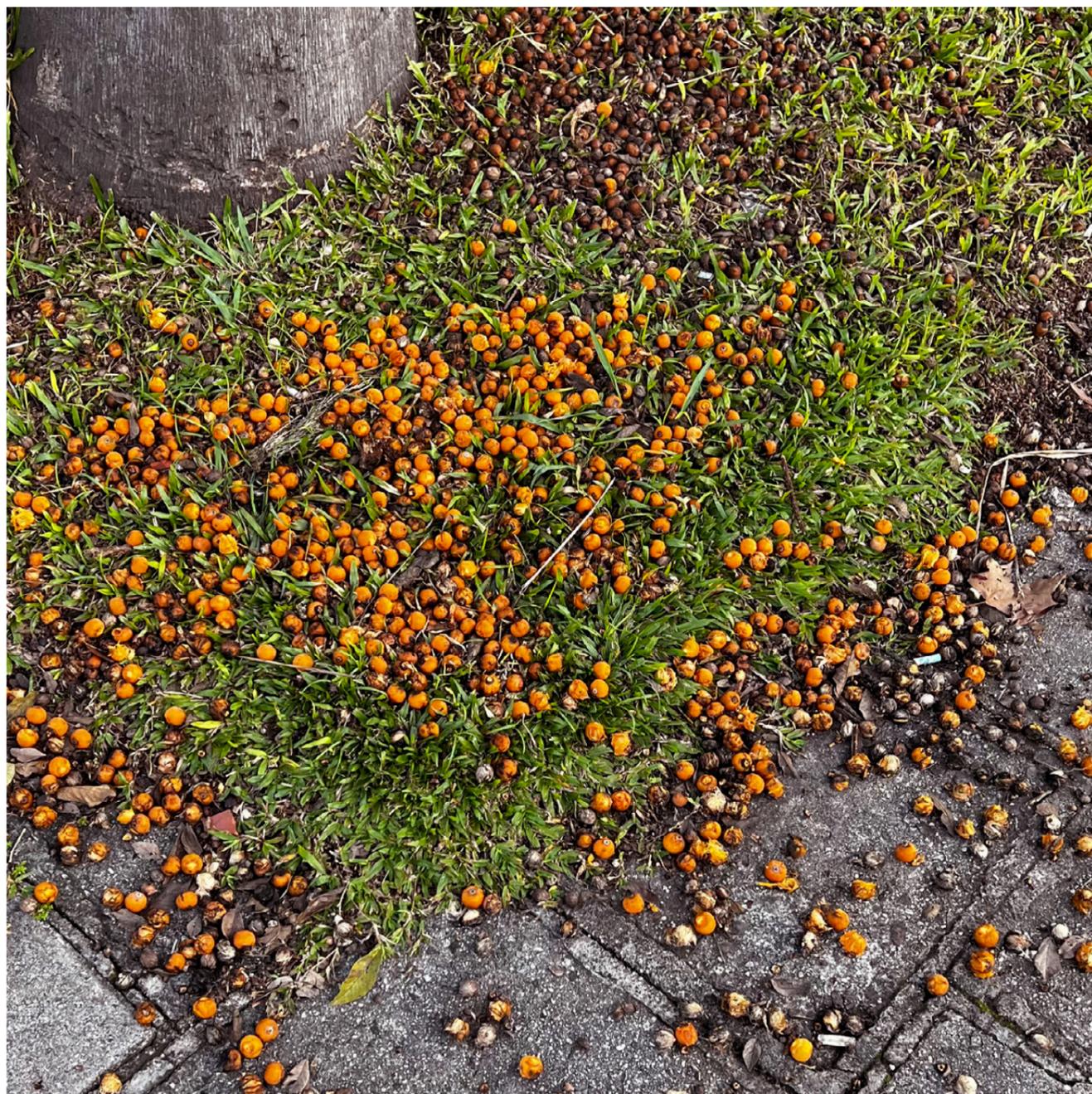
LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras (2013).

SHÔNAGON, Sei. *O livro do travesseiro*. São Paulo: Editora 34, 2013.

WOOLF, Virginia. *O valor do riso e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, e-book, 2015.









ESTACIONAMENTO
EXCLUSIVO P/ CLIENTES





